

## LEITURA DE JORNAL: IMPRESSO E DIGITAL

### NEWSPAPER READING: PRINT AND DIGITAL

**Claudia Cristina Sanzovo**

Universidade Estadual da Bahia, Brasil

E-mail: tizia8@hotmail.com

#### Resumo

O presente artigo, de caráter documental bibliográfico, situa-se no campo da leitura e tem como objetivo principal estabelecer um comparativo entre as principais características da leitura de um exemplar de jornal impresso e sua versão digital. Para tanto, embasamos as discussões nas principais noções de texto (MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE ET AL., 2019), de leitura (KLEIMAN, 1989; SOARES, 2003) e nas concepções de leitura impressa e digital (ROJO, 2013; BARON, 2015; PARDEDE, 2019, WOLF, 2019). Com isso, destacamos que, apesar da sua complexidade e das habilidades exigidas de um leitor, existem diferenças entre os suportes impressos e digitais que podem influenciar no processo de leitura, principalmente em se tratando dos aspectos de investigabilidade (a possibilidade de busca específica no texto ou fora dele), armazenamento (espaço, deslocamento e durabilidade) e custo de acesso.

**Palavras-chave:** Leitura; Tecnologia; Impresso; Digital

***Abstract:** The present article, of a bibliographic documentary character, in the field of reading, aims to establish a comparison between the main characteristics of reading a copy of a printed newspaper versus its digital version. To this end, we base the discussions on the main notions of text (MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE ET AL., 2019), reading (KLEIMAN, 1989; SOARES, 2003) and the conceptions of printed and digital reading (ROJO, 2013; BARON, 2015; PARDEDE, 2019, WOLF, 2019). Therefore, we emphasize that, despite its complexity and the skills required of a reader, there are differences between printed and digital supports that can influence the reading process, especially regarding the investigative aspects (the possibility of specific search in the text or outside it), storage (space, displacement, and durability) and access cost.*

**Keywords:** Reading; Technology; Print; Digital

#### Introdução

Por muitos séculos, os textos impressos foram utilizados como o meio principal de aprendizado para a leitura. Com o advento das tecnologias digitais essa leitura convencional, que engloba fatores naturais (plasticidade cerebral) e ambientais (sistema de escrita, conteúdo, suporte e método de instrução), passou por certas mudanças que permitiram a emergência de textos digitais, os quais exigem novas habilidades e estratégias de compreensão do leitor.

Nesse sentido, o presente estudo tem como **objetivo principal** estabelecer um comparativo entre as principais características da leitura de um exemplar de jornal impresso e sua versão digital.

O **tema** desse estudo foi escolhido a partir de questionamentos que permeiam as diferenças entre a leitura impressa e digital na atualidade. O mesmo **justifica-se** pela necessidade de refletirmos sobre a influência da tecnologia no processo de leitura e as habilidades exigidas do leitor ao acessar distintos suportes tecnológicos.

**Metodologicamente** o trabalho apresenta-se como uma pesquisa documental que visa “mostrar a situação atual de um assunto determinado” (CHIZZOTTI, 2010, p. 18). Para tanto, utilizamos como base teórica as principais noções de texto (MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE *ET AL.*, 2019), de leitura (KLEIMAN, 1989; BRASIL, 2001) e as diferenças entre leitura impressa e digital (ROJO, 2013; BARON, 2015; PARDEDE, 2019). Dessa forma, tecemos uma reflexão mais profunda sobre as características da leitura de um exemplar de jornal impresso e sua versão digital, ambos publicados no dia 09 de maio de 2022 pelos editores do Jornal Bem Paraná.

### **Algumas reflexões sobre textos (impressos e digitais)**

A origem da palavra texto, segundo o dicionário etimológico, vem do latim *texere* (construir, tecer), cujo particípio passado *textus* também era usado como substantivo, e significava “maneira de tecer”, ou “coisa tecida”, e ainda mais tarde, “estrutura”. Para a Linguística Textual (LT) o texto é visto como uma materialização da escrita, “o único material linguístico observável” em “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (MARCUSCHI, 2008, p. 71-72).

Dessa forma, para Marcuschi (2008), existem critérios gerais que compõem a textualidade como: a textualização, o autor (produtor), o texto (evento), o leitor (receptor), o processo/produto que se subdivide em configuração linguística (cotextualidade - coesão e coerência) e a situação comunicativa (contextualidade - a intertextualidade, a

intencionalidade, a situacionalidade, a informatividade e a aceitabilidade). Esses critérios permitem ao leitor reconstruir os sentidos estabelecidos na materialidade linguística e são muito mais “de acesso à construção de sentido do que princípios de boa formação textual” (MARCUSCHI, 2008, p. 97).

Quando nos referimos às produções em ambientes digitais (chat, podcast, memes, gifs, vlog, etc.), essas noções de texto passam a incluir outras abordagens em relação à hipertextualidade - “blocos de palavras ou imagens ligadas eletronicamente por múltiplos caminhos, cadeias ou trilhas em uma textualidade aberta, perpetuamente inacabada” (PARDEDE, 2019, p. 81)- e à multimodalidade - “combinação de texto, imagens estáticas, animações, vídeos incorporados e som” (ROJO, 2013, p. 20) -, as quais suscitam novos critérios de análise da textualidade. Isso porque estamos diante de uma escrita e de uma leitura que congrega múltiplos escritores e leitores estabelecendo interações em redes conectadas que congregam, além das relações entre o autor, o texto e o leitor, também o algoritmo<sup>1</sup> da máquina.

Embora os ambientes digitais abriguem uma grande quantidade de hipertextos, Lemos (2015, p. 123) enfatiza que

na leitura clássica, por exemplo (textos impressos), o leitor se engaja em um processo também hipertextual, já que a leitura é feita por interconexões (à memória do leitor, às referências do texto, aos índices) que remetem o mesmo para fora de uma ‘linearidade’ do texto. Assim, todo o texto escrito é também, em sentido lato, um hipertexto, em que o motor da interatividade se situa na memória do leitor e a interatividade na relação ao objeto livro.

---

<sup>1</sup> sequências de instruções que permitem a solução de problemas. [...] eles permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc. [...] eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas. [...] Nós fabricamos estes controladores, mas eles, por sua vez, nos constroem (PAVEAU, 2021, p. 39).

Assim sendo, tomamos a **noção de texto** “como um enunciado que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (CAVALCANTE *et al.*, 2019, p. 26). Esse conceito permite-nos compreender o “texto contemporâneo, multissemiótico ou multimodal, envolvendo diversas linguagens, mídias e tecnologias” dentro de um ecossistema digital que provocou “mudanças significativas nas maneiras de ler, produzir e fazer circular textos nas sociedades” (ROJO, 2013, p. 19-20).

Com isso, ao abordarmos a questão da leitura em diferentes suportes, temos que considerar a especificidade dos ambientes digitais em relação à influência da própria máquina, dos programadores e da “possibilidade de participação do leitor” (CHARTIER, 1999) na escrita e distribuição dos textos. Essa participação, segundo Chartier (1999), é o fator mais distintivo entre o texto impresso e o digital, pois as relações de escrita/leitura e autor do texto/autor do livro desaparecem e surge uma nova realidade na qual o leitor pode se tornar autor de uma escrita de várias vozes, ou mesmo construir um texto a partir de fragmentos reelaborados.

### **Leitura: o que é e como se aprende?**

A oralidade foi a primeira forma de comunicação da humanidade, no entanto a escrita e a leitura fazem parte de um processo de ruptura que se deu, primeiramente, com os escribas e religiosos que se configuraram como os principais detentores do conhecimento das técnicas de decodificação da oralidade para a escrita. Somente no séc. XV, com o advento da imprensa, surgiram as escolas como as principais agências de letramento, nas quais, de acordo com Kleiman (1995), o sujeito-leitor passou a ser alfabetizado e letrado para ter acesso à leitura.

O processo de leitura inicia-se, então, com a alfabetização, o decodificar do sistema de escrita, passando para o nível da compreensão e construção de significados (letramento) nas

mais diversas interações sociais. Com isso, espera-se que o leitor seja capaz de “compreender, usar, avaliar, refletir sobre e envolver-se com textos, a fim de alcançar um objetivo, desenvolver conhecimento e potencial e participar da sociedade” (INEP, 2018, p. 44). No entanto, como bem destaca Soares (2003), a leitura é um processo multifacetado que depende da natureza, do tipo, do gênero e do objetivo que se tem ao ler. Além disso, segundo Wolf (2019), a leitura sofre a influência de fatores naturais (plasticidade cerebral do leitor) e ambientais (o que se lê - sistema de escrita e conteúdo-, como se lê - mídia/suporte- e a formação desse leitor -método de instrução-), sendo a mídia o lugar onde a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida, conforme mostra a tabela 1.

**Tabela 1:** Fatores que influenciam a leitura

Fatores Naturais	Fatores Ambientais
<b>Plasticidade cerebral:</b> o cérebro humano não possui uma programação natural para decodificar a escrita, por isso é preciso que haja uma intervenção através de métodos de instrução para a leitura.	<b>Sistema de escrita:</b> ideográfico/pictográfico, logográfico, silabáreis, segmentais, alfabéticos, etc.
	<b>Conteúdo:</b> gêneros do discurso <sup>2</sup>
	<b>Mídia/Suporte:</b> segundo a neurociência cada mídia de leitura favorece certos processos cognitivos em detrimento de outros.
	<b>Método de Instrução:</b> alfabetização e letramento.

**Fonte:** adaptado de Wolf (2019)

Ainda com relação aos fatores que influenciam a leitura, Jacobs (2011) acredita que a taxa de adoção de uma determinada mídia/suporte ocorre em função da facilidade de uso e do prazer natural que a leitura proporciona ao usuário-leitor. Ou seja, a leitura de um livro impresso pode ser algo difícil e sem muita diversão para certos leitores, enquanto assistir uma série de televisão que trate do mesmo tema pode parecer ser mais fácil e divertido.

<sup>2</sup> Gênero na perspectiva discursiva de Bakhtin (2011) como formas padrão, relativamente estáveis de um enunciado e determinadas sócio historicamente, podendo ser de natureza primária (aludem a situações de comunicação cotidianas informais como em cartas, bilhetes, diálogos cotidianos, etc.) e secundária (complexos e geralmente mediados pela escrita como um romance, artigo, palestra, etc.).

Já para Jacobs (2015), a leitura é um comportamento motivado e direcionado a objetivos com intenções distintas (busca de informações, curiosidade, ajuda à decisão, revisão, localização de erros tipográficos, prazer, gerenciamento de humor, etc.), sendo que esses objetivos determinam os gêneros (contos de fadas, histórias de crime, poesia, artigos de jornais, etc.) e o tipo de leitura que cada sujeito-leitor decide realizar em uma determinada mídia/suporte onde o texto esteja disponível.

Com relação aos tipos de leitura Baron (2005) faz uma distinção entre os mais tradicionais: a leitura superficial (percebendo a essência), a leitura de varredura (buscando as informações importantes), a leitura extensiva (por diversão) e a leitura intensiva (com concentração no texto e de profundidade). A autora destaca que cada um deles tem um propósito específico e nem todo leitor está disposto a realizar uma leitura intensiva em um simples classificado de jornal. Por isso, as pesquisas que visam mensurar a qualidade de leitura de determinados grupos de leitores são incongruentes, justamente porque avaliar o que as pessoas leem seria como tentar perceber o grau de felicidade de cada um.

Assim, para além das diferenças em relação aos textos impressos (linearidade, soma de informações, anotações à mão e referências ao conhecimento anterior, etc.) e digitais (multimodalidade, hipertextualidade, estratégias de navegação e rolagem de páginas), a leitura é um processo que exige habilidades e interesses diversos do sujeito-leitor e que vai muito além do simples ato de decodificar uma mensagem disponível em um determinado suporte.

### **Leitura de textos em suportes impressos e digitais**

Como vimos, o processo de leitura é algo complexo e multifacetado, assim como a tarefa de comparar as características dos textos e as estratégias de leitura necessárias para acessá-los em distintos suportes onde “a capacidade de ler pode ser adquirida e desenvolvida” (WOLF, 2019). Esses suportes, caracterizados por Marcuschi (2003, p. 8), como “uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”, incluindo

figuras, fotos, gráficos, infográficos e tipografias diversas, possuem características particulares. Dentre essas particularidades, Baron (2015) apresenta um quadro comparativo que elenca algumas das principais diferenças entre os suportes impressos e os digitais (tabela 2).

**Tabela 2:** Comparativo entre suportes impressos e digitais

<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>
Os materiais impressos ocupam um espaço muito grande.	Mais conveniente porque armazenam uma quantidade maior de dados que podem ser deslocados com mais facilidade.
Os materiais impressos permitem o toque, a percepção corporal e sensorial dos leitores que podem tocar, sentir, marcar e deixar suas impressões.	O material virtual passa um sentido de efêmero e de algo concedido em empréstimo com direitos reservados.
Facilitam a leitura de textos longos e de maior profundidade.	Facilitam a leitura de textos curtos e menos profundos.
Preferido por leitores mais velhos, adultos, jovens e pais com crianças pequenas (leitura infantil).	Preferido pelos leitores adolescentes.
O conteúdo pode ter configurações de formatos que dificultam a leitura devido à fonte e tamanho dos caracteres da escrita, o que não pode ser alterado (imperfeições relacionadas ao tamanho dos caracteres de impressão, bem como o tipo de papel utilizado, etc.)	Os suportes digitais possuem telas de tamanhos diferenciados (algumas possuem uma resolução melhor que outras e/ou possuem telas com aspecto físico mais real), mas no geral permitem alterações no tamanho dos caracteres, além da luminosidade da tela de acordo com as necessidades do leitor.
O conteúdo pode ser marcado durante a leitura, no entanto não permite uma busca específica no texto e fora dele.	Os suportes digitais permitem que o leitor possa marcar partes de um texto, copiar, colar e realizar buscas intra e intertextuais.
Os materiais impressos podem sofrer danos físicos devido ao manuseio e às condições ambientais de acomodação.	Os materiais digitais possuem maior durabilidade e possibilidades de armazenamento.

**Fonte:** adaptado de Baron (2015)

Além desses aspectos gerais destacados por Baron (2015) em relação aos suportes impressos e digitais, Pardede (2019) identifica quatro grandes diferenças entre os textos disponíveis nesses suportes: (i) os textos impressos são geralmente lineares, enquanto os textos digitais são muito mais multilineares; (ii) os textos impressos geralmente são caracterizados por um caminho prefixado e previsível, ao contrário dos textos digitais que seguem um percurso aleatório e imprevisível; (iii) ao contrário do impresso, no ambiente digital os leitores visualizam uma quantidade menor de texto devido à limitação de espaço da tela; (iv) a presença de *hiperlinks* em textos digitais torna-os mais complexos, tanto mentalmente quanto fisicamente, para os leitores navegarem na tela.

Já com relação às habilidades de leitura e as técnicas de aquisição de conteúdo a partir da visualização de textos digitais, Pardede (2019, p.81) distingue atualmente duas grandes teorias: (i) a teoria da coleta de informações (*Information Foraging Theory* - IFT) que descreve o comportamento de uma pessoa ao ler dentro do ecossistema da *web* e tem como objetivo criar uma tecnologia moldada para os usuários a partir da coleta de dados dos mecanismos e estratégias de busca de informações do leitor para assim adaptar a estrutura dos ambientes de informação em que esses operam; (ii) a teoria do hipertexto que permite uma autonomia maior ao leitor que pode escolher o caminho de leitura, tornando-se um cocriador.

Apesar dessas diferenças em relação aos suportes impressos e digitais, Pardede (2019) acredita que os estudos comparativos em relação à velocidade, precisão e compreensão da leitura impressa x digital demonstram resultados inconsistentes. Isso porque alguns estudos indicam a superioridade da leitura de textos impressos, enquanto outros mais atuais tendem a revelar a supremacia da leitura dos textos digitais. No entanto, Pardede (2019) salienta que esses desvios podem ser atribuídos muito mais aos níveis de avanço tecnológico, à familiaridade dos sujeitos com computadores e ao domínio das habilidades de leitura digital.

Independente do tipo de leitura (superficial, varredura, extensiva, intensiva), do gênero (classificado, horóscopo, crônica, etc.) e do objetivo do leitor (passatempo, busca de

informações, diversão, pesquisa, etc.), Jacobs (2015), Baron (2015) e Wolf (2019) concordam que o processo de leitura sofre a influência do suporte utilizado (impresso ou digital), principalmente quando se trata da velocidade e condições de acesso e da leitura através de diferentes configurações de telas.

Portanto, com base nesses conceitos teóricos, propomos refletir a seguir sobre as principais características da leitura de um exemplar de jornal impresso e sua versão digital.

### **Reflexões sobre a leitura de textos do Jornal Bem Paraná em sua versão impressa e digital**

Considerando a perspectiva de Soares (2003) em relação à leitura como um processo multifacetado que depende da natureza, do tipo, do gênero e do objetivo que se tem ao ler, além dos aspectos ambientais da mídia/suporte (impressa ou digital) onde a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida (WOLF, 2019), propomos uma análise comparativa da leitura de um exemplar impresso e sua versão digital, ambos publicados pelo Jornal Bem Paraná no dia 09 de maio de 2022.

Na figura 1 temos a imagem da capa e das primeiras páginas da edição impressa do Jornal Bem Paraná. Nela, verificamos que o leitor tem a possibilidade de manipulação sensorial das páginas através do ato de girá-las em uma sequência linear e previsível de leitura em função da numeração das páginas. Assim, conforme discorre Baron (2015), embora os quesitos visuais do impresso em relação à sequência das páginas, tamanho dos caracteres da escrita e os eventuais problemas de estampa não possam ser alterados, o leitor tem a liberdade de iniciar a leitura em qualquer uma das páginas e utilizar o jornal de acordo com suas preferências pessoais quanto aos gêneros de seu interesse (horóscopo, política, esportes, classificados, etc.).

Figura 1: Caminhos de leitura em jornal impresso



Fonte: Jornal Bem Paraná (versão impressa publicada em 09/05/2022)

Assim sendo, mesmo diante da impossibilidade de realizar alterações visuais dos textos impressos (aumento/diminuição dos caracteres, tipo papel, imperfeições, etc.), o

leitor possui autonomia para escolher o tipo de leitura (superficial, varredura, extensiva, intensiva) que está disposto a realizar de acordo com seus objetivos (passatempo, busca de informações, diversão, pesquisa, etc.).

Já na figura 2 destacamos uma série de textos e *hiperlinks* (#,  ) que aparecem na tela do computador ou do celular dos leitores do jornal em sua versão digital. Nela observamos a questão abordada por Chartier (1999) em relação à influência da própria máquina, dos programadores e da possibilidade de participação do leitor, uma vez que os textos são apresentados em tela de acordo com as regras de acesso configuradas pelo algoritmo da máquina, o qual “processa, classifica e hierarquiza certas informações que aparecerão com mais frequência” (PAVEAU, 2021, p. 39). Nesse caso, ao acessar o site do jornal digital pelo celular no dia 09 de maio de 2022, o leitor encontra em sua tela a manchete: “**sem salários, motoristas e cobradores aprovam indicativo de greve**”, justamente por ser um dos textos mais lidos e comentados pelos leitores no decorrer do dia na seção # **mais lidas**.

**Figura 2:** Leitura de jornal na versão digital na tela de celular



**Fonte:** Jornal Bem Paraná (versão digital do site [bemparana.com.br](http://bemparana.com.br) acessada no celular Iphone 7, tela 138.3 x 67.1 x 7.1 mm, imagens capturadas em 09/05/2022)

A partir do texto em destaque na tela do leitor (figura 2), o percurso de leitura no ambiente digital segue de maneira “aleatória e imprevisível” (PARDEDE, 2019). Ou seja, uma leitura multilinear na qual o leitor pode migrar de um texto a outro através da rolagem de tela e/ou acessar os *hiperlinks* que se abrem para outros blocos de interações que saem completamente do texto principal e permitem a participação ativa do leitor no compartilhamento dos textos em outras redes sociais (clique na publicidade de um site de vendas de passagens e pacotes de viagens ou mesmo acessar um bloco de links (+) de compartilhamento do texto que o encaminham para outras mídias sociais digitais como o Facebook, Whatsapp, Twitter, Pinterest, LinkedIn, etc.).

Assim, ao compararmos a publicação do Jornal Bem Paraná em uma data específica (09/05/2022), em suas versões impressa e digital (figuras 1 e 2), observamos que em ambos os suportes o leitor tem uma autonomia em relação à tipologia de leitura e aos gêneros que decide ler. No entanto, no suporte impresso existe uma forte influência dos editores na escrita e distribuição dos textos (“**Cesta básica de Curitiba sobe 26,67% em um ano, bem acima da inflação**”) enquanto no suporte digital é o algoritmo da máquina que classifica os textos de acordo com o número de acessos, a interação e os compartilhamentos dos leitores (**# mais lidas - “sem salários, motoristas e cobradores aprovam indicativo de greve**”). Ademais, no suporte digital, o leitor tem uma facilidade maior para acessar diretamente os gêneros de seu interesse (notícias, esportes, diversão e arte, bem estar, sobre o site, opinião) através de um clique nos *links* pré-organizadas pelos programadores da máquina (figura 3).

**Figura 3:** Seções disponíveis na versão digital do Jornal Bem Paraná

NOTÍCIAS	ESPORTES	DIVERSÃO E ARTE	BEM ESTAR	SOBRE O SITE	OPINIÃO
Paraná	Atlético Paranaense	Festival de Curitiba	Gastronomia	Expediente	Artigos
Região Metropolitana	Coritiba	Programação	Saúde e Beleza	Jornal Impresso	Blogs
Brasil	Paraná Clube	Cinema	Moda e Tendências	Publicidade Legal	Colunas
Mundo	Bolão Paranaense 2019	Música	Turismo	Assinaturas	Galeria de Fotos
Política		Televisão	Horóscopo	Anúncie	
Economia		Cultura		Webmail	
Educação					

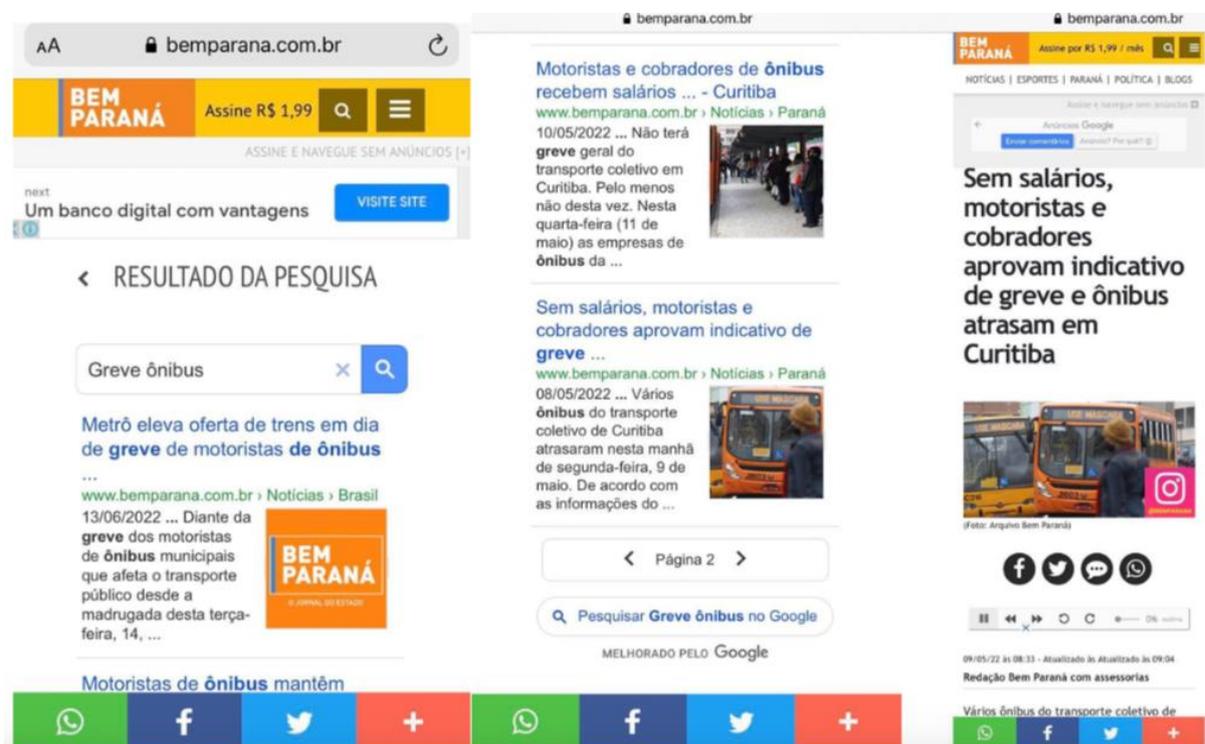
**Fonte:** Jornal Bem Paraná, imagem capturada em 26/06/2022

Ainda, de acordo com Baron (2015), quando voltamos o olhar para a mídia/suporte digital temos uma distinção em relação ao impresso no quesito de uma maior investigabilidade, já que os suportes digitais permitem que o leitor possa realizar buscas intra e intertextuais. Na figura 4, temos o exemplo de uma busca pelos termos “greve ônibus” na página do Jornal Bem Paraná, realizada no dia 26 de junho de 2022. O resultado apresenta ao

DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.9.1-30/>

leitor uma lista de textos já publicados pelo jornal contendo as palavras indicadas na pesquisa, incluindo o texto da figura 2 - “**sem salários, motoristas e cobradores aprovam indicativo de greve e ônibus atrasam em Curitiba**” – além de outras notícias relacionadas à greve de ônibus na cidade que acabou não acontecendo, conforme indica uma das publicações de 11 de maio de 2022 (figura 4) - “**Motoristas e cobradores de ônibus recebem salários...Não terá greve geral do transporte coletivo em Curitiba. Pelo menos não desta vez...**”.

Figura 4: Investigabilidade na versão digital do Jornal Bem Paraná



Fonte: Jornal Bem Paraná (versão digital do site [bemparana.com.br](http://bemparana.com.br) acessada no celular Iphone 7, tela 138.3 x 67.1 x 7.1 mm, imagens capturadas em 26/06/2022)

Essa investigabilidade no ambiente digital permite ao leitor uma autonomia maior na busca por informações, no processo de revisão dos textos, na localização de erros gramaticais e tipográficos, além de auxiliar na “construção de textos a partir de fragmentos reelaborados”

(CHARTIER, 1999). Ou seja, através da leitura dos fragmentos textuais apresentados na tela (figura 4), o leitor tem a possibilidade de realizar um trabalho de (re) construção do significado de vários outros textos que se relacionam entre si. Isso não significa que o suporte impresso não possibilite essa mesma leitura, mas tão somente que o suporte digital possibilita uma participação mais ativa dos leitores que interagem através de textos que se propagam mais facilmente e em maior quantidade pelas redes digitais.

Nesse sentido, concordamos com Baron (2015) que os suportes influenciam no processo de leitura, principalmente em se tratando dos aspectos de investigabilidade (a possibilidade de busca específica no texto ou fora dele) e armazenamento (espaço, deslocamento e durabilidade). Além disso, destacamos a questão do custo que estimula o acesso à leitura, uma vez que a edição impressa unitária do presente jornal custa R\$ 2,50 (figura 1), enquanto que a versão digital é gratuita (com anúncios patrocinados vinculados) ou o leitor pode optar em fazer uma assinatura anual por R\$ 1,99/mês (figura 2) para acessar todo o conteúdo digital do jornal sem qualquer tipo de anúncio - Assine e navegue sem anúncios

### Considerações finais

A leitura é um processo complexo que engloba fatores naturais e ambientais e exige do leitor um trabalho ativo de (re) construção de sentidos do texto. Assim, conforme proposto por Jacobs (2015), Baron (2015) e Wolf (2019), a leitura é um comportamento motivado e direcionado a objetivos com intenções distintas (busca de informações, curiosidade, ajuda à decisão, revisão, localização de erros tipográficos, prazer, gerenciamento de humor, etc.), os quais determinam os gêneros (contos de fadas, histórias de crime, poesia, artigos de jornais, etc.) e o tipo de leitura (superficial, varredura, extensiva, intensiva) que cada sujeito-leitor decide realizar em uma mídia/suporte onde a capacidade de ler se desenvolve.

Logo, o presente artigo cumpre sua função ao estabelecer um comparativo entre as principais características da leitura de um exemplar de jornal impresso e sua versão digital,

destacando os aspectos de investigabilidade (a possibilidade de busca específica no texto ou fora dele), armazenamento (espaço, deslocamento e durabilidade) e custo de acesso como os principais distintivos entre o suporte impresso e digital.

Portanto, a partir dessas reflexões, acreditamos que as práticas de leitura não devem ser atreladas a uma influência positiva ou negativa de um ou outro suporte tecnológico (impresso ou digital), mas no fato que a leitura é um ato que depende de fatores naturais e ambientais e precisa de um método de instrução (alfabetização, letramento) que permita ao leitor envolver-se com textos distintos e com as modificações inevitáveis produzidas pelo contato desse com o seu corpo, o seu pensamento e o seu contexto histórico-social.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARON, Naomi S. **Words on Screen: The Fate of Reading in a Digital World**. Oxford University Press, 2015.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp /Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO: etimologia e origem das palavras. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br>>. Acesso em 26 jun. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.9.1-30/>

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Pisa 2018. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf)> Acesso em: 20 mai. 2020.

JACOBS, A. M. “Neurokognitive poetik: elemente eines modells des literarischen lesens (Neurocognitive poetics: elements of a model of literary reading),” In **Gehirn und Gedicht: Wie Wir Unsere Wirklichkeiten Konstruieren (Brain and Poetry: How We Construct Our Realities)**, eds R. Schrott and A. M. Jacobs. München: Carl Hanser Verlag, 2011.

JACOBS, A. M. “Towards a neurocognitive poetics model of literary reading,” In **Towards a Cognitive Neuroscience of Natural Language Use**, ed R. Willems. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

KLEIMAN, Â. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLVC**. João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PARDEDE, Parlindungan. Print vs Digital Reading Comprehension in EFL. **Journal of English Teaching**. Volume 5 (2), June 2019, p. 77-90.

PAVEAU, Marie-Anne. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*, Ed. Hermann, 2017. Análise do discurso digital: dicionário de formas e práticas. Org. Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ROJO, Roxane. Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e Multiletramentos. In: ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. In: Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED, em outubro 2003.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Trad. Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto. 2019.

**Submetido em:** 11/06/2022

**Aprovado em:** 30/11/2022